

AS DIFICULDADES DE ESCRITA DOS DISCENTES DA CONTEMPORANEIDADE

Jânio Alexandre de Araújo ¹

Ana Paula Silva da Silveira ²

RESUMO

O referido estudo discute acerca das dificuldades que os discentes do sexto ano do ensino fundamental possuem em produzir textos bem elaborados, levando em consideração que a rede de ensino brasileiro possui uma grande deficiência na prática da norma culta da língua portuguesa, como também as deficiências de leitura e escrita em todas as modalidades de ensino. Uma pesquisa detectou que alunos do ensino superior da própria área de Letras possuem deficiência nessa área. Até os professores possuem resistência e limitações nessas linguagens. No geral, o Brasil é um país que conhece pouco sua língua materna no que tange à escrita. Desse modo, a escola, os órgãos públicos e as políticas (programas) educacionais se apresentam como várias estratégias de solução em reduzir deficiências na leitura e escrita. O objetivo deste trabalho é investigar os fatores que impedem a aprendizagem da prática de escrita da atualidade dos discentes do 6º ano do ensino fundamental II, do colégio municipal Rita Juventina de Souza. O presente estudo foi realizado com abordagem qualitativa para seu desenvolvimento, uma vez que se executou um levantamento das dificuldades de escrita por parte dos discentes e os obstáculos que os docentes enfrentam para alcançar êxito na escrita dos alunos.

Palavras-chave: Dificuldades; Escrita Leitura; Língua Portuguesa..

INTRODUÇÃO

A criação da escrita foi algo extraordinário para a humanidade. Antes de sua invenção o indivíduo se comunicava por meio de sinais gráficos, os quais denominaram de pinturas rupestres. Ela é tão relevante, que no período dos sinais supracitados, alguns cientistas consideravam o período chamado de pré-histórico. Para historiadores, a história se consolidou, a partir do surgimento da escrita com os sinais padronizados (alfabeto). Desenvolveu-se na Mesopotâmia, hoje atual Iraque, que possui por título Escrita Cuneiforme, como também no antigo Egito a escrita Hieroglífica e na China o Ideograma.

Consecutivamente o sistema de escrita alfabético foi desenvolvido e fundamental para a comunicação. Os povos fenícios foram os autores da criação do alfabeto. Assim sendo, os gregos utilizaram e acabaram acrescentando outros símbolos

^{1,2} Servidores na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte - SEEC/RN, janioaraujori@gmail.com.;



Assim, para os docentes que ainda não se atentaram para a relevância do ler e escrever, é bom começar a cogitar isso, para que nossos alunos tenham sucesso, não só na disciplina, como também em sua prática social. Obviamente, é indispensável averiguar que fatores favorecem o insucesso na prática da escrita dos discentes da atualidade, do 6º ano do ensino fundamental II, pois são alunos da atualidade onde possuem uma mentalidade muito diferente dos discentes de outras décadas. Cabe ao professor obter estratégias de ensino, de forma lúdica e dinâmica, que envolvam os alunos na aprendizagem da escrita, de maneira que atraiam eles, e ocorra



verdadeiramente o aprendizado. Porquanto a escrita é uma prática fundamental, que existe em todos os lugares e faz-se necessário escrever e ler o que os outros escrevem.

Como a família que faz da escola um depósito de crianças e adolescentes, perdeu o controle na educação de seus filhos e o próprio aluno que não se sente confortável em estar na escola, com tantas coisas fora dela que lhe chamam atenção, como as tecnologias. Mas isso ocorre pelo fato de não saberem usar e não ter controle do uso. Pois a tecnologia é uma excelente ferramenta para uso didático. Nota-se que a maioria dos pais que possuem controle sobre seus filhos, eles se dão bem melhor em termos de educação e aprendizagem.

Professores e alunos do sexto ano responderam um questionário deixando suas impressões em relação à leitura e escrita, como também seus desafios e dificuldades nessa área. Tanto docentes e discentes mencionaram sobre a relevância de leitura e escrita na vida de qualquer pessoa e especialmente dos profissionais de qualquer área e estudantes.

A leitura e a escrita são linguagens fundamentais para vivermos na sociedade. Aqueles que não sabem praticar essas referidas linguagens são bastante dependentes de outras pessoas. E no mundo pós- moderno em que vivemos, é fundamental ler e escrever, pois para adquirir-se um emprego por mais simples que seja é preciso ser alfabetizado e possuir cursos, nem que dependendo do emprego, seja um curso dos mais básicos. Dessa maneira, é fundamental a escola valorizar de forma especial a leitura e escrita, até porque delas depende a aprendizagem de todas as disciplinas e conteúdos. Muitas vezes os alunos não possuem o hábito de ler e escrever em casa, então a escola tem a responsabilidade de ofertar essas práticas de forma prazerosa e de qualidade.

METODOLOGIA

De acordo com Minayo *apud* Vidor (2014, p.24) a metodologia se configura como: “uma atividade da ciência que visa à construção e organização dos dados, os materiais, significados à operacionalização de variáveis de análises escolhidas”.

A metodologia torna-se uma parte da Dissertação muito relevante, pois explana como os trabalhos foram realizados e a sua natureza. Este foi realizado com abordagem qualitativa para seu desenvolvimento, uma vez que se executou um levantamento das



dificuldades de escrita por parte dos discentes e os obstáculos que os docentes enfrentam para alcançar êxito na escrita dos alunos. O tipo de pesquisa foi um estudo de caso, onde este é visto por Godoy (1995, p.25), "[...] caracterizado como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa o exame detalhado de um ambiente de um simples sujeito ou de uma situação em particular".

O método foi através de questionário para os alunos e professores. Desse modo, com um olhar direcionado para propósitos científicos, esta pesquisa também assumiu um papel descritivo, revelando características populacionais ou de determinado fenômeno, servindo de base para tal explicação (VERGARA, 2009).

A fim de obter conhecimento sobre suas angústias e dificuldades referentes à prática da escrita e assim tentar no mínimo reduzir tais dificuldades, buscando meios eficazes, o questionário, segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Após obter conhecimentos sobre os alunos e professores, bem como suas rotinas, foram realizadas atividades diversificadas de leitura e escrita.

O questionário foi realizado com 7 professores da modalidade 6º ao 9º ano, que lecionam diferentes disciplinas e não só Português, os quais externaram suas dificuldades em relação à escrita dos alunos, como também os trabalhos realizados na prática de escrita. Os alunos que responderam os questionários foram cerca de 25 participantes, porém responderam com êxito apenas 7, pois entre os outros existem muita dificuldade de leitura e escrita. Os trabalhos com leitura e escrita estão sendo executados, apesar de que necessita de intensificar, porém a indisciplina de muitos discentes, como também por ingressarem no sexto ano, sem ter adquirido as competências de alfabetização, e sua própria falta de interesse, juntamente com a família que perdeu o controle de seus próprios filhos, tem impedido o sucesso na aprendizagem de leitura e escrita.

Faz-se necessário a intensificação de trabalhos com projetos de leitura e escrita. Embora que os problemas acima citados infelizmente existem. Além das atividades realizadas em campo tive a oportunidade de refletir cada vez mais, sobre todo esse processo de leitura e escrita e percebi o quanto é importante o trabalho na prática, vivenciando tudo aquilo que faz parte da Dissertação. Dessa forma, esse percurso em



estudo Gil apud Vidor (2014) diz que o processo de análise e interpretação é fundamentalmente interativo, pois o pesquisador elabora pouco a pouco uma explicação lógica do fenômeno ou da situação estudados, examinando as unidades de sentido, as inter-relações entre essas unidades e entre as categorias em que elas se encontram reunidas.

Então, nesse processo de trabalho em campo, ocorreram estudos minuciosos, com interação entre pesquisador, professor, discente e toda a equipe escolar, os quais fazem parte da aprendizagem dos alunos e podem contribuir de forma positiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Já iniciamos este tópico com a seguinte citação de Garcez (2004) pertinente ao que posteriormente iremos nos aprofundar, quando diz:

A escrita não pode ser considerada desvinculada da leitura. Nossa forma de ler e nossas experiências com textos de outros redatores influenciam de várias maneiras nossos procedimentos de escrita. Pela leitura vamos construindo uma intimidade muito grande com a língua escrita, vamos internalizando as suas estruturas e as suas infinitas possibilidades estilísticas (GARCEZ, 2004, p.23).

Através da leitura de outros textos e outros autores, vamos criando novas ideias, adquirindo um conhecimento de mundo que nos dá respaldo para escrever sobre qualquer assunto. O ato de ler é uma atividade extremamente relevante na vida de um cidadão que convive na sociedade letrada. Nesse âmbito, a leitura tem um grande valor para executar diversas atividades. A leitura é tão fundamental que para conduzir-se simplesmente em um meio de transporte é preciso fazer uso da leitura, o mesmo acontece com as receitas culinárias, rótulos, bulas e etc., ou seja, simplesmente para exercer seus direitos de cidadania.

É através da leitura que entramos em contato com a diversidade de conhecimentos, inclusive de saber sobre outros países e suas culturas sem nem se quer viajar, como vivia as comunidades em tempos remotos, interpretar o presente e vislumbrar o futuro. Observa-se que muitas pessoas têm dificuldade de expressar-se oralmente por não gostar de ler, pois é através dela que enriquecemos e ampliamos nosso vocabulário e discurso. É verdadeiramente uma ferramenta essencial para



conviver e adquirir conhecimentos na sociedade, onde nos apropriamos de crescimento na ciência, sabedoria e cultura na sociedade no geral.

Na sala de aula propriamente dita, é exatamente o que precisa melhorar. Como todos envolvidos na educação que foi citado anteriormente são indispensáveis valorizar a prática de ler. Ela é uma grande aliada para o sucesso na escrita, cada escritor que almeja obter sucesso em seus escritos tem que possuir contato com a mesma. Através dela adquirimos conhecimentos prévios, melhoramos nossa linguagem, que de coloquial passa a ser culta e tudo isso é pertinente no ato de escrever.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser humano sempre teve a necessidade de comunicação. Antes mesmo de a escrita ser inventada, já havia outros meios de comunicarem-se, como os desenhos rupestres, por exemplo. No entanto, a escrita em si veio para melhorar e facilitar bastante a forma de comunicação, embora uma forma de comunicar-se relevante e que faz parte de nosso convívio e nossas práticas tenha sido bem utilizada em épocas remotas, anterior a invenção da escrita, a qual muito bem valorizada em regiões africanas, chamada de oralidade, que também ainda é praticada, e que por sinal é eficiente não se compara a prática da escrita.

A fala apresenta um processo mais antigo do que o da escrita, e talvez por isso ela pareça apresentar-se de forma mais complexa e difícil. A escrita é bem mais jovem do que a fala. Segundo Bagno (2007, p.52): “as primeiras formas de escrita, conforme a classificação tradicional dos historiadores surgiu há apenas nove mil anos. A humanidade, portanto, passou 990.000 anos apenas falando!”

A escrita vem se aprimorando no seu percurso histórico, além das modificações estéticas apresentadas na escrita é importante saber dessa diferença para aprimorar o processo de aquisição. As mensagens, histórias, culturas, que perpassam de geração em geração fazendo com que os costumes, culturas antigas sejam resgatadas é de fato a cultura oral e escrita que nos proporciona. É através dessas duas linguagens que temos conhecimentos de vivências dos povos do passado, de como eram suas vestimentas, seus alimentos, sua linguagem e religião, dentre outros.



Através da leitura de escritos do passado e de ouvir pessoas mais idosas tomamos conhecimentos, ou lembramos-nos de fatos antigos e acabamos ficando com saudades de como era a vida bem distinta dos dias atuais. Até nas escolas se pratica o resgate de cantigas, histórias, brincadeiras etc. Pode-se até conceber que a prática da escrita e oralidade é uma herança existente na vida do ser humano e que em relação à oralidade é uma herança de memória. Bentes nos traz a concepção que: “[...] deve-se não apenas dar oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela” (2010, p.137).

Embora ainda existam muitos docentes que não valorizam nem põem em prática de forma assídua e correta a escrita e oralidade, vale ressaltar que são ferramentas fundamentais em sala de aula para a formação do indivíduo ativo participante da sociedade. Tanto a escrita quanto a oralidade promovem em sala de aula formando sujeitos letrados, críticos, capazes de expor opiniões com segurança. Dentro da escola, essa prática merece serem valorizadas, em um currículo capaz de abranger metodologias, conteúdos, atividades e competências que os discentes necessitam para formação intelectual e de cidadania.

Por esta razão (MILANEZ 1993, p.15) faz uma observação em relação ao que foi acima mencionado: “Os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados na escola, também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens”.

Na verdade, tanto a fala quanto a escrita precisam ser trabalhados com mais frequência e de forma que chame a atenção dos alunos e incentive o interesse em praticá-las. Toda linguagem é importante, desde que haja comunicação entre os indivíduos e seja útil na vida social.

Embora seja fato que a escrita não é o único veículo de comunicação, como relatado anteriormente por Milanez, porém nessa época pós-moderna a escrita se sobressai no sentido de que na vida profissional e estudantil é muito cobrada, até para adquirir um emprego. Nessa perspectiva é pertinente que se destaque que uma reportagem do jornal da Record TV abordava que a Língua Portuguesa se tornava um



desafio na busca por uma oportunidade de emprego. A entrevista dava ênfase a uma pesquisa com mais de nove mil universitários que eram desclassificados na hora de expressar sua forma escrita. Ainda de acordo com a pesquisa, havia candidatos universitários que sequer conseguiram escrever corretamente uma das 30 palavras do teste.

No entanto, nas nações modernas onde a escrita tem precedência sobre a oralidade onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural existia uma concepção errônea de que os povos que não possuíam escritas eram sem cultura. Esse julgamento não procede, pois, todos os povos independentemente de seu capital econômico, de sua raça, de seu capital cultural todos são munidos de cultura, pois possuem suas crenças, habilidades, costumes e histórico familiar. Apesar de mencionar que na escola deve se trabalhar todas as formas de linguagens enfatiza que a cultura escrita veio para ampliar a cultura oral, mesmo sabendo que dependendo do copista a escrita também pode ser alterada, isso tem levado alguns estudiosos a questionarem certos livros, como as Santas Escrituras. Qualquer documento pode ser alterado, independentemente de qual linguagem ele foi elaborado.

Faraco (2008, p.10) nos traz uma informação relevante:

O domínio da escrita é tão importante que, durante séculos, só se permitia que uma pequeníssima parcela da sociedade aprendesse a ler e a escrever. Escrever era uma questão de segurança social, política ou religiosa: somente pessoas de determinadas classes ou castas tinham esse direito, exercido sempre sob o estrito controle. Não só era qualquer um que escrevia como os que escreviam não podiam escrever qualquer coisa (FARACO, 2008, p. 10).

No Brasil Colônia, quando os portugueses juntamente com os Jesuítas chegaram ao Brasil com o objetivo de catequizar os índios, iniciou-se um Sistema de ensino bastante excludente. A Educação voltava-se à elite excluindo no seu âmbito os menos afortunados como mulheres, negros e pobres. De fato, que os Jesuítas ensinaram os indígenas as primeiras letras em Português e Tupi, entretanto foi algo muito restrito, pois conhecer as letras não é suficiente para uma aprendizagem significativa, nem tampouco adquirir um letramento. Desde a colonização até os dias atuais que existem as práticas onde a população que possui um capital econômico e



cultural elevado é utilizada como forma de manipulação e dominação sobre as massas populares.

Mesmo depois da invenção da imprensa com tipos móveis por Gutenberg, já no fim da Idade Média, que popularizou extraordinariamente os livros (antes escritos à mão em quantidade mínima), a escrita continuava restrita a uma pequena faixa da população enquanto a vigilância sobre o que escrevia aumentavam, muitos foram parar na fogueira da Inquisição por escreverem o que não era permitido.

Neste contexto e raciocínio, dar para cogitar o quanto a prática de escrever é relevante desde tempos remotos e é um tipo de linguagem que vem desenvolvendo-se a cada tempo e como é essencial desde o pretérito, tanto que em civilizações antigas era privilégio de poucos. Nos dias atuais o que mais tem sido valorizado é a prática escrita que aos poucos vem substituindo a linguagem oral, é tanto que o indivíduo valorizado é aquele que adquire títulos universitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante meu percurso profissional, tenho vivenciado várias modalidades de ensino, da educação infantil até o ensino médio. Tenho observado o quanto à dificuldade de escrita que tem permanecido e, de acordo com estudos e conhecimento de pesquisas através de mestrandos e doutorandos, essa dificuldade tem alcançado até as universidades. E através desse estudo tenho refletido bastante sobre a questão de leitura e escrita dos discentes e até dos docentes, pois verifiquei que existem muitos docentes que também tem deficiência nessa área.

De acordo com os estudos nos apropriamos das concepções de língua e linguagem, bem como a aproximação do trabalho com atividades linguísticas praticados em sala de aula. Sabemos o quanto a profissão docente é árdua e desvalorizada em todos os sentidos, no entanto, já que a escolhemos, temos que seguir em frente sempre trabalhando da melhor maneira possível. O educador pode muito bem inovar suas aulas, planejar, reorganizar para promover leitura e escrita significativa. Não basta apenas ler mecanicamente nem escrever sem ter objetivos. Sempre enfatizo a questão da leitura, pois para escrever tem que ter a leitura antes.

REFERÊNCIAS



ALGERI, Marinês Serro. **Dificuldades de aprendizagem na escrita: um olhar psicopedagógico**. Sertão/RS, REI, v.9, n.20, p.1-12, jul-dez. 2014.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. **Leitura, interpretação e produção textual**./ Maria Divanira de Lima Arcoverde, RossanaDelmar de Lima Arcoverde. – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

ARRAIS, Belarmina Monteiro; RIBEIRO, Volney da Silva. **Produção textual 6º ano: manual do educador**. Recife/PE: Formando cidadãos editora.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Assembléia Legislativa. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC Centro Gráfico, 20 de dezembro de 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Oficina de texto**/Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza. 6.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes,2008.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

